HUIZINGA, J. Homo Ludens, 4 ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

NEIRA, M. G. & NUNES, M. L. F. Pedagogia da Cultura Corporal: crítica e alternativas, 2º ed. São Paulo: Phorte editora, 2008.

NEIRA, M. G. & NUNES, M. L. F. Orientações Curriculares de Educação Física, imprensa oficial do Estado de São Paulo.

VENÂNCIO, S. & FREIRE, J. B. O Jogo: dentro e fora da escola, 1 ed. Campinas: Autores Associados, 2005.

ARTE DA EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPRESSÃO DA CRIANÇA ATRAVÉS DA ARTE NA ESCOLA

ELAINE CRISTINA FREITAS FIGUEREDO DOS SANTOS

RESUMO

O presente artigo pretende elucidar as principais características e a importância do ensino de Arte na Educação Infantil. Como trabalhar a música na Educação Infantil? A utilização da metodologia baseia-se nas referências bibliográficas que buscam objetivar a compreensão sobre a arte na escola e a leitura do próprio trabalho. Apresenta uma análise sobre a utilização de projetos e as etapas do desenvolvimento infantil. Como resultados apresentamos o papel da música na educação infantil que é propiciar uma alegria própria em relação ao mundo que elas convivem. A música bem trabalhada é uma ferramenta poderosa na construção do conhecimento e desenvolvimento do aluno, tornando-se um instrumento facilitador de aprendizagem. Concluí-se que a arte faz parte do dia a dia da criança na Educação Infantil: dança, o canto e o instrumento são elementos que deveriam estar sempre presentes no planejamento do professor.

Palavras-Chave: Ensino. Arte. Educação

ABSTRACT

This article aims to elucidate the main characteristics and the importance of teaching Art in Early Childhood Education. How to work music in Early Childhood Education? The use of the methodology is based on bibliographic references that seek to objectify the understanding of art at school and the reading of the work itself. It presents an analysis on the use of projects and the stages of child development. As a result, we present the role of music in early childhood education, which is to provide a joy of their own in relation to the world they live in. Well-crafted music is a powerful tool in building student knowledge and development, making it a facilitator of learning. It was concluded that art is part of the child's daily life in Early Childhood Education: dance, singing and the instrument are elements that should always be present in the teacher's planning.

Keywords: Teaching. Art. Education

1.INTRODUÇÃO

Vivemos em um mundo imagético,

estamos rodeados por imagens, que se encontram nos muros, nos cartazes, nas paredes, nos outdoors, enfim, por toda parte, e, junto com as imagens, percebemos também a forte presença da arte.

Como objetivo, o presente estudo visa elucidar as características sobre a música na aula da educação infantil. Compreender a relação do lúdico com o ensino de musica.

Justifica a musicalização, pois além de transformar as crianças em indivíduos que usam os sons musicais, fazem e criam música,apreciam música e finalmente se expandem por meio da música..

Questiona-se como trabalhar a música na escola na educação infantil.

Segundo Rezende (2005, p. 11), "lemos o mundo e no mundo". O entendimento dessas imagens nos faz compreender melhor o nosso entorno e também a nós mesmos. As leituras tornam-se diversificadas, pois cada ser humano tem um jeito próprio de ser e de Ler, isso porque somos seres singulares. Mesmo estando diante de uma única imagem, esta possibilitará infinitas leituras, cada pessoa fará a sua leitura, segundo a sua história pessoal, a sua cultura e seu contexto.

Até mesmo uma única imagem, observada peto mesmo leitor/espectador, provoca diferentes leituras, como um livro, cada vez que o lermostem-seuma nova visão e um novo entendimento do seu conteúdo. Pela visão alcançamos às pessoas, os objetos, as formas, enfim, o mundo ao nosso redor. Ver também é um exercício de construçãoperceptiva, sendo que os elementos selecionados e o percurso visual podem ser educados. Segundo Oliveira (apud BUORO, 1998, p.104):

[...] vemos o que queremos ver, e o que queremos ver é determinado, não pelas inevitáveis leis da óptica ou mesmo [...] por um instinto de sobrevivência, mas peto desejo de descobrir ou construir um mundo verossímil. O que nós vemos deve fazer-se real. Assim, a arte converte-se na construção da realidade (BUORO, 1998, p.104)

Quando nos referimos às artes sonoras, imediatamente pensamos em som e em música. Quando nos referimos às artes cênicas, pensamosem encenação, em teatro e assim por diante.. Atualmente existem imagens que também podem ser feitas por intermédio dos meios tecnológicos como: câmera fotográfica, filmadora, e podem ser trabalhadas no computador. Nos dizeres de Barbosa (1999, p. 46), em relação à arte e a experiência estética:

[...] as artes plásticas, que entre outros estímulos, provocam a experiência estética visual, devem incluir hoje muito mais que o óleo em moldura dourada o mármore sobre o pedestal dos museus. Devem incluir artesanato e arte popular, em particular, e a mídia eletrônica como cinema e televisão. Essa junção entre os meios tecnológicos mais as artes plásticas, a que essa autora alude, é o que chamamos de artes visuais. (BARBOSA, 1999, p. 46).

Então, quando nos referirmos às artes visuais, relacione-as com a visão e com os diversos códigos visuais presentes no mundo. Há milhares de anos, as pessoas fazem imagens que representam o mundo que as rodeia, utilizando materiais

diversos, técnicas e formas de expressão

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Para a realização deste artigo o adotamos a pesquisa bibliográfica exploratória, para maior familiaridade com o tema proposto, onde investigaremos os principais teóricos e abordar as suas principais teorias a respeito da prática da arte na Educação Infantil. Estudar e compreender os conceitos a respeito da temática através de referências elaborados pelos teóricos e estudiosos sobre o tema e ainda publicações, leitura analítica, fichamento, ficha de resumo e ao final a elaboração da pesquisa formatação do artigo.

3.RESULTADOS E DISCUSSÃO

No cotidiano da criança, as artes visuais estão presentes. Quando a criança rabisca e desenha no chão, na areia e nos muros, nos objetos, nas paredes, no próprio corpo, ao utilizar materiais encontrados ao acaso como gravetos, pedras, carvão e outros, as artes visuais estão sendo utilizadas para expressar experiências sensíveis. As artes visuais são formas importantes de expressão e comunicação humana, o que, por si só, justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente.

> [...] o trabalho de arte passa pela mente, pelo coração, pelos olhos, pela garganta, pelas mãos; e pensa e recorda e sente e observa e escuta e fala e experimenta e não recusa nenhum momento essencial do processo poético (BOSI, 2001, p. 71).

Tratar arte como conhecimento é o ponto fundamental e condição indispensável para o enfoque contemporâneo do ensino de arte. Compreendida como área de conhecimento, a arte apresenta relações com a cultura por meio das manifestações expressas em bens materiais (bens físicos, isto é, bens palpáveis como escultura, pinturas e outros) e imateriais (práticas culturais coletivas como música, dança e outros).

Sempre houve e ainda há uma grande distorção em relação à Arte. Relacionam a disciplina apenas com produção de trabalhos manuais, enfeites em dias de festas ou datas comemorativas, como lazer, terapia, passatempo e outros.

A disciplina de Arte não tem como finalidade ilustrar festas cívicas ou escolares, nem colorir desenhos prontos, ilustrar capas de trabalho de outras disciplinas, sem objetivo, ou estar ligadas apenas às datas comemorativas. Ela, como toda disciplina, tem como objetivo a construção e aquisição de conhecimento.

Mas afinal, que contribuições a Arte traz para a educação? Como ela é concebida pela criança? A criança que, desde cedo, é estimulada com propostas artísticas, certamente terá uma percepção mais aguçada sobre o mundo à sua volta, as formas, as texturas, as cores, e também terá uma melhor compreensão sobre si mesma. A educação em Arte propicia à criança o desenvolvimento do pensamento artístico, e esse pensamento artístico possibilita a ampliação da sensibilidade, criatividade, percepção, originalidade, flexibilidade, reflexão, imaginação, inventividade, senso crítico, além de ajudá-la a resolver problemas de ordem técnica e estética. Possibilita também que a criança

saiba reconhecer as diversidades, construa uma auto-imagem positiva, aprenda a se integrar com o grupo, pois a maioria das propostas artísticas é desenvolvida em grupos, proporcionando, dessa forma, a construção da autonomia.

Para a criança, realizar propostas artísticas é como se fosse uma brincadeira, um jogo, sendo extremamente relevante para seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e cultural. O lúdico se relaciona com a brincadeira e com o jogo, no qual, existe o desafio, acionando o corpo e a mente. Tem caráter integrador, propiciando ao aluno o desenvolvimento de habilidades que envolvem identificação, análise, síntese, comparação, ajudando-o, portanto, a conhecer suas próprias possibilidades. Segundo as autoras Ferraz e Fusari (1999, p. 84):

O brincar nas aulas de arte pode ser uma maneira prazerosa de a criança experienciar novas situações e ajudá-la a compreender e assimilar mais facilmente o mundo cultural e estético [...] a prática artística é vivenciada pelas crianças como uma atividade lúdica, onde o fazer se identifica com o brincar, o imaginar com a experiência da linguagem ou da representação.

De acordo com Piaget (1975, p.10):

a criança transforma o real em função de seus desejos para satisfação do seu eu. Ela busca compreender a realidade através da ficção, uma vez que, brincando, revive todos os conflitos e os prazeres.

Essa "viagem" ao mundo do faz-de-conta é que oportuniza à criança a realização dos sonhos e fantasias, revela conflitos e intenções, medos e angústias, aliviando tensão e frustração. Por sua importância no fazer artístico, é dada maior ênfase ao desenho, entre as demais Linguagens.

Derdyk (1994) diz que, enquanto a criança desenha ou cria objetos, brinca de faz-de-conta e experimenta sua capacidade imaginativa, ampliando sua forma de pensar no mundo em que está inserida. Em seus dizeres:

[...] a criança desenha, entre outras tantas coisas, para divertir-se. É um jogo em que não existem companheiros, a criança é dona de suas próprias regras. Nesse jogo solitário, ela vai aprender a estar só, 'aprender a ser só'. O desenho é o palco de suas emoções, a construção de seu universo particular. O desenho manifesta o desejo da representação, mas também o desenho, antes de tudo, é medo, é opressão, é alegria, é curiosidade, é afirmação, é negação. Ao desenhar, a criança passa por um intenso processo vivencial e existencial (DERDYK, 1994, p. 50).

É por intermédio do desenho que a criança sente sua existência, portanto, não só o desenho, mas também as propostas artísticas são de suma importância para a criança. Dessa forma, mais uma vez, constatamos a relevância da arte e do brincar na vida da criança, mais especificamente na educação infantil.

Ao rabiscar e desenhar ou pintar em diferentes suportes como na amarelinha, na terra, no muro, na parede, no próprio corpo, a criança pode utilizar-se das artes visuais para expressar experiências sensíveis, pois as artes visuais envolvem: desenho, pintura, colagem, gravura, fo-

tografia, desenho no computador, vídeo, cinema, televisão e outros. Segundo (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 23):

A arte não imita objetos, idéias ou conceitos. Ela cria algo novo, porque não é cópia ou pura reprodução, mas a representação simbólica de objetos e idéias - que também podem ser visuais, sonoros, gestuais, corporais... - presentificados em uma nova realidade, sob um outro ponto de vista. ...

Herman Kaulbach - (1846-1909)

Como ponto de partida, para o desenvolvimento da criança, são de fundamental relevância a experimentação e a sensibilização. O que a criança é, o que sente e sabe, ela aprende na exploração dos sentidos e dos contatos diretos. Quanto mais ela vivencia sensorialmente as coisas que tem para aprender, mais fácil será para ela formar seus conceitos cognitivamente. Para perceber a textura dos objetos, a melhor maneira é passar a mão e sentir, explorando o tato. Para identificar o que é doce ou salgado, a melhor maneira é provar, explorando o paladar e assim por diante. É de fundamental relevância que o professor utilize imagens em suas aulas. A leitura de imagens é uma proposta contemporânea para o ensino de Arte, pois, ao propor atividades como a de leitura de imagens, ele estará propiciando a seus alunos o desenvolvimento da percepção, da observação e do senso crítico e estético. Quando criamos situações em que a vi-são, a audição, o olfato, o tato e o paladar são explorados, oportunizamos aos alunos que sejam filtros sensíveis no contato com o mundo.

A escola precisa possibilitar o "olho da mente", que é um olho sensível, repleto de significados, pois mentes críticas e criadoras são estimuladas pela Arte, e elas são capazes de transformar a realidade. Dessa forma, é importante que haja uma provocação, por parte do educador, no sentido de instigar a reflexão de seus alunos, possibilitando a leitura de mundo e o olhar pensante, pois, quando aperfeiçoamos esse olhar, promovemos a compreensão. As imagens se constituem por meio de formas, linhas, cores, pontos, texturas que percebemos pela visão.

Mas afinal, como nossos alunos podem aprender a ver? Como estimulá-los? Nós só conseguimos ver, perceber determinados detalhes, nuances daquilo que conhecemos, que observamos com atenção, por isso há necessidade de trabalhar com imagens e com re-produções de obras de arte. Se possível, com a obra de arte original e também com imagens em movimento como propagandas de televisão, cinema, DVD, vídeo e outros, para aprender a interpretá-las, estimulando, dessa maneira, o desenvolvimento do senso crítico e estético nos alunos.

Um médico, por exemplo, olha um exame de ultra-som e entende certos significados que uma pessoa leiga não compreende. Isto porque ele conhece o assunto e aprendeu a decodificar aquelas imagens. Quando educarmos o olhar dos nossos alunos, no sentido de que, diante de uma imagem e/ou obra de arte, eles percebam cores, formas, texturas, temática, intenção, a poética do artista, certamente compreenderão melhor os códigos artísticos. Ao levar uma imagem ou obra de arte para a sala de aula, habilidades de percepção, intuição, raciocínio

e imaginação atuam. É bom que desde cedo as crianças tenham contato com obras artísticas, conhecendo certos artistas, suas obras, o contexto em que foram produzidas. Em suma, inseritos no mundo cultural, por intermédio da lei-tura de diferentes textos: escrito, oral, visual, sonoro e outros. A leitura de imagens e/ou obras, conteúdo da Arte, mais especificamente artes visuais, se detalhada constitui-se em canais de conhecimento, aprimorando, desse modo, a sensibilidade.

E quando aperfeiçoarmos o olhar de nossos alunos, promoveremos a compreensão. Nos dizeres de Fernando Pessoa, "O que em mim sente está pensando". Ler uma imagem ou uma obra de arte é o mesmo que decompô-la, descrevê-la, minuciosamente, observando suas formas, texturas, cores, seu tema, mensagem e outros. O aluno, diante de uma imagem, faz sua interpretação naturalmente, cria histórias; e o professor deve deixá-lo, sem direcionar sua interpretação, sua leitura. É aconselhável que essa descrição seja feita oralmente, para que o professor perceba como seus alunos estão interpretando a obra de arte ou imagem analisada e, para provocá-los, caso seja necessário, a perceberem maiores detalhes, deixando a aula mais dinâmica.

No campo educacional, existem muitos equívocos espalhados pelo Brasil, principalmente nas aulas de Arte, em relação à releitura de obras, que por sinal é um termo um pouco polêmico na educação, e que muitos teóricos não utilizam mais, por motivo da distorção, da má interpretação que foi atribuída à "releitura" em nosso país

O que geralmente se vê são crianças co-piando obras de arte, sem saber direito o porquê e, em seguida, recebendo muitas informações históricas relativas à obra e seu produtor, que são desnecessárias para aquele momento e para a faixa etária de alunos de educação infantil e até mesmo das primeiras séries do ensino fundamental. Por esse motivo, torna-se relevante, principalmente para o professor, saber o que é releitura e por que reler uma obra. Releitura é um exercício de criação e não de cópia, por meio do qual o aluno deverá reinterpretar uma determinada obra de arte, mas do seu jeito, sem a interferência, sem o "retoque do professor", pois este, no afã de ajudar os alunos, corrige imperfeições e desproporções, que, às vezes, fazem parte do processo de desenvolvimento, da faixa etária dos alunos.

Para que isso não ocorra, o professor precisa compreender as etapas do desenvolvimento infantil, uma vez que o conteúdo de Arte a ser aplicado, deverá ser condizente com a idade dos alunos. É fora de propósito dar uma aula de História da Arte, na forma tradicional, para crianças de Educação Infantil. Quando se trata de Educação Infantil, a informação sobre a obra de arte e seu produtor deve ser breve, de forma prazerosa, como se tivesse contando uma história.

O professor deve dizer apenas o nome da obra e do artista e alguma curiosidade que achar importante, pois o objetivo não é a memorização de nomes, fatos e datas históricas, e sim a apresentação e a apreciação de uma obra de arte à turma, é iniciar desde cedo o gosto pela arte, tornando certas obras familiares aos olhos dos pequenos, enfim, propor-

cionar uma aula de arte contextualizada. Portanto, a releitura de uma obra de arte e/ou imagem é o mesmo que lê-la novamente, reinterpretá-la, não é copiá-la, é refazê-la, segundo o olhar, a experiência pessoal, social e cultural de quem a refaz.

A releitura possibilita a criação, pois, apesar de ser uma reinterpretação de algo que já foi feito, ela será refeita por outra pessoa, em um outro contexto e, muitas vezes, utilizando outra técnica diferente da utilizada na obra original. Na história da pintura, em todos os temos, também foram feitas releituras.

Fazer a leitura do próprio trabalho é comentar sobre o trabalho artístico que fez em sala de aula, o que fez, por que fez, como se sentiu ao realizá-lo, enfim, descrever o seu processo de criação. O aluno poderá fazer sua leitura indo à frente da sala de aula, em seu lugar ou em círculo, que pode ser chamado de roda de apreciação, de maneira que cada um mostra e comenta sobre seu trabalho. Todos os trabalhos devem ser lidos, isto é, devem ser apresentados à turma, até os que, supostamente, "fugiram" da proposta lançada, pois será nesse momento que o professor se certificará se realmente o aluno fugiu da proposta ou se pensou de forma diferente, e o aluno refletirá sobre seu trabalho.

Fazer a leitura dos trabalhos é muito importante, pois será nesse momento que o aluno refletirá sobre o que fez, aprenderá a falar e ouvir, a esperar sua vez. Ele será ouvido tanto pelos colegas quanto pelo professor, estimulando, dessa forma, o desenvolvimento de sua auto-estima, pois, ao ouvi-lo, o professor estará o respeitando e valorizando o que fez e como fez, muito mais valioso do que bater os olhos rapidamente no trabalho e dizer: "está lindo", também aprenderá a respeitar o trabalho de seu colega, e o professor, por sua vez, terá a oportunidade de conhecer melhor seu aluno.

Uma aula de Arte não pode se realizar em um clima muito rígido, com crianças imóveis, como se fossem "soldadinhos de chumbo". Por outro lado, não pode ser muito livre, em um clima de "vale-tudo", onde o que conta é a expressividade da criança, sem parâmetros, sem ordem, sem objetivos, em que o professor se torna um mero espectador, para não interferir na "expressividade" do aluno, postura advinda da Escola Nova.

O educador deve proporcionar o manuseio de diferentes materiais, de diversos suportes, papéis de variadas cores, formas, texturas e tamanhos. O material a ser utilizado deve estar ao alcance do aluno, o qual deve ter espaço adequado para realizar seu trabalho artístico.

Caso não haja uma sala de Arte na escola, é interessante, principalmente na educação infantil, que existam os "cantinhos" na sala de aula: canto da pintura, canto do teatro, da leitura etc. É importante também o trabalho em grupo. A integração do grupo propicia o respeito mútuo, a troca de experiências e a compreensão da arte como linguagem. Tanto o aluno quanto os professores precisam ter familiaridade com os materiais que serão utilizados. Essa familiaridade faz com que se sintam seguros diante do que vão utilizar.

O educador deve fazer suas intervenções, nos momentos oportunos, quan-

do necessário. Existe um pensamento equivocado segundo o qual o professor não deve fazer nenhum comentário sobre o trabalho de seu aluno, para não interferir em seu "processo de criação". Esse pensamento é próprio da Escola Nova, quando o professor era um mero espectador. Hoje o professor deve fazer suas intervenções, conversar com o aluno, sugerir determinados procedimentos, explicar novamente, caso perceba que seu aluno não compreendeu.

O que o professor não deve fazer é interferir no trabalho, apagar desproporções, ditar as cores que o aluno deve utilizar, direcionar o trabalho, segundo o seu gosto, o seu "padrão de beleza" e muito menos retocá-lo, para ficar mais "bonitinho", pois vai para uma exposição! Uma outra questão relevante é em relação a situações aparentemente "problemáticas", principalmente nos desenhos infantis e suas temáticas como violência, cores escuras, nem sempre a temática e as cores utilizadas significam "problemas". Existem inúmeros motivos para uma criança abordar determinadas temáticas e cores. Não é função do professor resolver situações "aparentemente problemáticas". Cabe ao professor observar e, se detectar alguma situação "aparentemente problemática", isto é, depois de várias observações, de ouvir o que o aluno tem a dizer e, com a persistência do possível problema, encaminhá-lo ao supervisor ou diretor, que tomará as devidas providências, conversando com a família, orientando e talvez sugerindo o auxílio de um outro profissional, um psicólogo, por exemplo, se for o caso.

Muitos professores acreditam que, para ministrar aulas de Arte, precisam saber inúmeras técnicas. Para ensinar Arte, é necessário que o professor tenha segurança no que faz e, para que isso aconteça, ele precisa vivenciar certas situações práticas, como saber fazer um trabalho de colagem, pintura ou outro, saber alguns procedimentos, principalmente diante de imprevistos, saber como manusear determinadas ferramentas, e também estudar para que tenha embasamento teórico. Para isso, são importantes a formação continuada e os grupos de estudos, teoria e prática caminhando juntas.

É fundamental que esse educador se sinta seguro ao lançar uma proposta artística, para melhor auxiliar o aluno e transmitir-lhe confiança. Esse procedimento é necessário, não só na disciplina de Arte, mas também em todas as outras áreas do conhecimento. Não é a quantidade de técnicas que determinará se um educador se desempenha bem ou não, mas seu envolvimento e compromisso em relação à educação e mais especificamente à Arte. Um bom educador deve ser curioso e pesquisador.

3.1. PROJETOS

O professor pode elaborar suas aulas em forma de projetos. Tendo clareza no objetivo que se pretende, poderá ter maior qualidade na sua ação educativa, garantindo aos alunos o conhecimento e a diversidade de suas produções artísticas, possibilitando o uso de diferentes materiais e suportes, ouvindo e respeitando seus pontos de vista, proporcionando troca de experiências, gerando um momento lúdico no processo de produção e propi-

ciando a compreensão da disciplina como linguagem e conhecimento.

Sendo assim, ao elaborarmos um projeto, precisamos ser flexíveis, pois possíveis imprevistos poderão surgir. Pensemos então num espaço físico adequado, num ambiente acolhedor e em momentos prazerosos. Ao criar algo, há um envolvimento do aluno com sua ação, suas construções, pesquisas, reflexões, com a sua capacidade inventiva, suas escolhas, abrindo dentro de si uma área de desenvolvimento em que a liberdade poderá se expandir.

Para o sucesso de um bom projeto, o professor necessita de uma meta, de maneira que a observação, o registro, a pesquisa e o olhar sempre vigilante, sensível e atento, deverão estar presentes transmitindo seriedade e credibilidade. Um outro aspecto relevante em relação a projetos é trabalhá-los envolvendo a escola como um todo, todos participando. Esta é também uma forma de os professores trocarem experiências.

As Artes Visuais devem ser concebidas como uma linguagem que tem estrutura e características próprias, cuja aprendizagem, no âmbito prático e reflexivo, se dá por meio da articulação dos seguintes aspectos: fazer artístico, apreciação e reflexão RCNEls (BRASIL, 1998, p. 89).

É no fazer artístico que o desenvolvimento da imaginação criadora, da expressão, da sensibilidade e das capacidades estéticas das crianças poderá ocorrer, assim como no contato com a produção de arte presente nos museus, igrejas, livros, reproduções, revistas, gibis, vídeos, CD-ROM, ateliês de artistas e artesãos regionais, feiras de objetos, espaços urbanos etc.

Para Martins, Picosque e Guerra (1998), ensinar arte significa articular três campos conceituais: a criação, a percepção e o conhecimento da produção artísticoestética da humanidade. Esses três campos conceituais estão presentes nos PCNs de Arte (BRASIL, 1997) e nos RCNEls (BRASIL, 1998), baseados na Metodologia Triangular de Ana Mae Barbosa com a seguinte denominação: produção, fruição e reflexão. Para ensinarmos arte devemos articular o fazer arte, o apreciar arte e o refletir sobre a arte, e a reflexão se interliga com a contextualização (BRASIL, 1997):

I - Produção: é o fazer, a produção do aluno e de produtores de arte em geral, é a criação, é a prática. Esse fazer é fundamental em relação à arte, pois, por exemplo, uma escultura só se torna escultura, depois de feita, de materializada. Na educação, esse fazer diz respeito ao conhecimento artístico do aluno e está relacionado com o processo criativo. Considera desde o imaginário, a elaboração e a formalização do objeto artístico até o contato com o público.

II - Fruição: é a apreciação significativa, é oportunizar ao aluno ver, ouvir, sentir, assistir a manifestações artísticas do universo relacionado à arte (obras de arte, peças teatrais, espetáculos de danças, concertos musicais e outros). Essa apreciação significativa diz respeito ao conhecimento estético e está relacionada à apreensão do objeto artístico em seus aspectos sensíveis e cognitivos.

III - Reflexão: é pensar sobre o trabalho artístico pessoal, sobre o traba-

lho artístico dos colegas e sobre o trabalho artístico de produtores de arte em geral, refletir sobre as formas encontradas na natureza e em culturas diversas, e também é a compreensão da arte como processo cultural e histórico. A reflexão articula-se com o conhecimento contextualizado, pois envolve o contexto histórico (político, econômico e sociocultural) dos objetos artísticos e contribui para a compreensão de seus conteúdos explícitos e implícitos, possibilitando um aprofundamento na investigação desse objeto (BRASIL, 1997).

O professor precisa estar atento à idade e às necessidades de seus alunos para selecionar e deixar à disposição materiais e conteúdos adequados. Esse estudo é uma adaptação do texto do capítulo "A ciranda da metamorfose expressiva" do livro - Didática do Ensino de Arte - A língua do Mundo - Poetizar, fruir e conhecer arte - de Mirian Celeste Martins, Gisa Picosque e M. Terezinha Telles Guerra.

Estágio Sensório-Motor - Rabiscação (O a 2 Anos) Ação, Pesquisa E Exercício: Nessa fase o bebê gosta do barulho de chocalhos, de observar e tocar em móbiles, de ouvir sons e experimentar sons com a boca. Mais tarde brinca com massinhas de modelar, fazendo bolinhas e rolinhos compridos, gosta de esparramar tinta com as mãos, sentir sua textura. Gosta também de rasgar papéis, folhear revistas e desenhar. Mais ou menos com um ano e meio, a criança já deve manusear papéis grandes e lápis, de preferência gizão de cera. Ela ainda não percebe que é o lápis que risca o papel, pois, para eta, o importante é o gesto, os movimentos, o som e a sensação do giz deslizando no papel e explorações com os materiais. O desenho é totalmente involuntário, os movimentos são desordenados, mas proporcionam prazer. A criança olha, cheira, toca, ouve, se move, experimenta, sente e pensa... Desenha com o corpo. O corpo é ação e pensamento. Seu pensamento se dá na ação, na sensação, na percepção, sempre regado pelo sentimento. Ainda não é um criador intencional de símbolos. Sua ação focaliza a própria ação, o exercício, a repetição. Os gestos, as tentativas, os desenhos, as linhas melódicas, os movimentos rítmicos, corporais da criança pequena podem parecer atos isolados, desprovidos de continuidade. Ela, contudo, está em atitude de pesquisa, perseguindo idéias, repetindo-as muitas vezes, num jogo de exercício, porque está exercitando sua ação/pensamento (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998)

Estágio Pré-Operacional - Garatuja (2 a 4 Anos) Ação, Pesquisa, Exercício E Intenção: Esse segundo movimento é denominado simbólico por Gardner. Piaget integra o movimento simbólico ao estágio pré-operatório (entre 2 e 7 anos de idade). No desenho a passagem se dá lentamente. Dos rabiscos e das pesquisas de formas nascem as primeiras tentativas de letras - diferenciando escrita e desenho - e as primeiras figuras humanas. O desenho da figura humana, construída através da simplicidade, vai se enriquecendo de detalhes e influenciará também os desenhos futuros.

O desenho da figura humana é, portanto, a grande estrutura que fundamenta todas as demais representações. Quando for mexer com tinta, é mais importante do que deixar seu registro no

papel o espalhamento prazeroso no cobrir a folha, misturando cores, primeiro com o dedo, depois com as mãos. Variar as cores, oferecer instrumentos como palitos, pentes, escovas, podem incentivar explorações táteis e visuais. Partirão da experimentação com tintas, para criações mais intencionais e simbólicas. gestualidade da garatuja se repete no ato de comer - movimentos circulares no prato, longitudinais na ação de levar a colher do prato à boca; no ato de brincar com a massinha, fazendo bolinhas e cobrinhas. As garatujas se classificam em três categorias: garatuja desordenada, garatuja controlada e a garatuja. O primeiro estágio corresponde a sim-ples excitação motora: são traços geralmente fortuitos, linhas que seguem ao acaso em todas as direções.

O segundo ocorre quando a criança descobre que existe uma intenção, uma ligação, entre seus movimentos e os traços que faz no papel. Por fim, a criança começa a fazer comentários verbais sobre o desenho e passa a dar nome à garatuja. Ela pode dizer que em seu desenho "há um menino correndo", embora o desenho seja irreconhecível (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998)

Estágio Pré-Operacional - Pré-Esquema (4 a 6 Anos) Ação, Pesquisa, Exercício, Intenção E Símbolo: Essa é a fase dos porquês. Nessa fase a criança adora encher folhas com desenhos. Muita gente, carros, aviões, animais, helicópteros, casas, árvores e muitas coisas... Com tintas, gosta mais é de espalhar no papel, fazer marcas, experimentar. Gosta de inventar coisas com massinhas.

Desenha qualquer coisa que pedir a ela, pois, nessa fase, inventa muito. Gosta de construir instrumentos, objetos, de brincar, cantar etc. Há uma mudança que acontece em muitas idas e voltas, na descoberta de que tudo que está no mundo tem nome, tem um significado, tem um porquê. O segundo movimento expressivo aponta seu caráter semiótico, isto é, do símbolo, e representacional. O início do movimento simbólico na Arte se dá por meio do tridimensional. As bolinhas, as cobrinhas vão virando objetos.

O jogo de faz-de-conta entra de vez na vida da criança. No desenho das pesquisas de formas, nascem as primeiras tentativas de letras - diferenciando escrita e desenho - e as primeiras figuras humanas. A figura humana consiste, algumas vezes, em um círculo com olhos, nariz e boca. Está ali presente a busca de compreensão do homem como um todo. Não há preocupação de cenas no papel, seus desenhos parecem soltos no espaço. As cores também não são vinculadas à realidade. Um homem pode ser azul ou verde. A criança reinventa a figura humana e nela enfatiza sua forma mais geral, sua gestalt. Uma grande massa de onde saem braços e pernas. Exclui o que não é importante para ela naquele momento e dá ênfase, por meio de linhas fortes, a outras partes. Há uma diferença muito grande entre pintura e desenho. Enquanto no desenho mostram-se cada vez mais detalhes, as pinturas freqüentemente encontram-se ainda no primeiro movimento expressivo. Nessa fase há o surgimento da "linha de base", da linha do "chão", onde se apóiam todos os objetos, as paisagens, as pessoas (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998)

SUGESTÃO DE ATIVIDADE

"BOLAS COLORIAS AO AR" (artes vi-

suais! pintura, composição tridimensional) - Basquete colorido; (individual)

- O professor entrega alguns papéis coloridos de crepom;
- Em seguida ele pede que as crianças façam bolas, do tamanho de uma bolinha de tênis, com os papéis;
- Assim que cada criança fizer, mais ou menos, três ou quatro bolas, pedir que se forme um círculo;
- O professor deverá colocar, no centro do círculo, um cesto;
- Pedir que, uma a uma, as crianças arremessem suas bolas ao cesto;
- Assim que todas as bolas forem arremessadas, o professor poderá trabalhar alguns conceitos: dentro - fora (vamos contar quantas bolinhas caíram dentro do cesto, quantas caíram fora do cesto), perto - longe (vamos contar quantas bolinhas estão perto do cesto, quantas bolinhas estão longe do cesto) cores (que cores de bolinhas temos? - vamos contar qual cor caiu mais longe do cesto? Qual cor caiu mais próximo do cesto?), além de trabalhar quantidade, seqüência numérica, propicia também o arremessar e amassar papéis;
- Em um outro momento, o professor pede que registrem o que fizeram em um trabalho de pintura. As bolinhas poderão aparecer do jeito que as crianças quiserem, soltas no ar, no chão, dentro do cesto, fora do cesto e outros;
- Já em um terceiro momento, o professor organiza a sala em grupos e pede que colem as bolinhas uma nas outras, criando um trabalho tridimensional (escultura de bolas);
- A colagem será a critério do grupo, pode ser uma ao lado da outra, empilhadas, em cima, deitadas, em pé etc; OBJETIVOS:
- Realizar exercícios de amassar e arremessar papéis;
- Propor uma atividade lúdica (jogar as bolas no cesto);
- Trabalhar alguns conceitos como: perto longe, mais - menos, cor e seqüência numérica;
- Realizar o registro do trabalho executado por intermédio da pintura; • Fazer uma composição tridimensional;
- Estimular o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, percepção, observação, atenção, memória, noção de distância, quantidade, cores, a descontração e a integração do grupo.
- OBS.: Essa proposta poderá ser realizada com crianças a partir de 1 ano e meio de idade na parte de amassar e arremessar papéis (em distâncias curtas) e a partir de três anos de idade a proposta completa (CAVA, 2004)

O desenvolvimento da capacidade artística e criativa deve estar apoiado, também, na prática reflexiva das crianças ao aprender, que articula a ação, a percepção, a sensibilidade, a cognição e a imaginação.

3.2. FUNDAMENTOS E METODOLOGIAS DO ENSINO DA MÚSICA: CANTANDO E ENCANTANDO EM TODOS OS CANTOS: A MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O trabalho com música deve considerar, portanto, que ela é um meio de expressão de conhecimento acessível aos bebês e crias, inclusive aquelas Que apresentam necessidades especiais. A linguagem musical é excelente desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da auto-estima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social (Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, 1998).

Vivemos num mundo visual e sonoro. Cores, movimentos, sons e uma série de elementos da Arte estão presentes no cotidiano. Reagimos a esses elementos de diferentes maneiras de acordo com a personalidade, humor e o significado que determinado elemento artístico tem para cada um de nós.

Quem nunca fez uma faxina com o rádio ou o aparelho de som ligado? Quem já se aborreceu com um vizinho barulhento que gosta de ouvir música às 3 horas da madrugada? A música, uma das linguagens da disciplina de Arte, esta presente no nosso dia-a-dia, na televisão, nas ruas e também nas igrejas, consultórios, no cinema, e nas escolas, e nós. Precisamos ter argumentos que possibilitem responder qual é a importância de se ensinar música nas escolas, aliada às outras linguagens artísticas como o teatro as artes visuais e a dança

ATIVIDADES

Essa proposta poderá se realizada em grupos. Conversem e tragam à tona as recordações de infância dos integrantes do grupo. Tentem lembrar as canções infantis que mais marcaram suas infâncias. Em seguida, escolham uma dessas canções e, logo após a escolha, apresentem aos demais grupos a canção escolhida. Essa canção poderá ser apresentada utilizando alguns recursos para acompanhar seu ritmo ou apresentá-la em forma de brincadeira, como faziam quando crianças, por exemplo, "Ciranda Cirandinha", em roda.

BAÚ DAS RECORDAÇÕES

Cai Cai Balão

Cai cai balão, cai cai balão

Na rua do sabão

Não Cai não, não cai não, não cai não Cai aqui na minha mão!

Cai cai balão, cai cai balão

Aqui na minha mão

Não vou lá, não vou lá, não vou lá Tenho medo de apanhar! ATIVIDADES

Agora vamos cantar "Cai Cai Balão"!

- Vamos cantá-la forte - agora vamos cantá-la piano, suave - intensidade;
- Vamos cantá-la bem rápido, agora bem devagar - duração.
- Agora, substitua as palavras balão por batidas de palmas bem leves. Depois substitua por batidas de pé no chão, por estalos de dedos ou língua - timbre (CANA, 1994, p.45)

Podemos aprender música de várias maneiras. É possível freqüentar aulas particulares de instrumento, técnica vocal, tocar em uma banda, cantar num coral. Todas essas atividades podem se tornar ambientes, isto é, para a vivência e a aquisição do conhecimento musical. Na escola a música pode ocorrer por meio das ativi-

dades citadas, mas é mediante a musicalização que esta tem-se realizado.

Segundo Loureiro (1999, p. 20) "musicalização de desenvolvimento da musicalidade". Maura Penna, - autora do livro Reavaliações e buscas em musicalização (1990), usou como ponto de partida para discussão a seguinte afirmação: "Ato ou processo de musicalizar. Musicalizar (-se): tornar(-se) sensível a música, de modo que, internamente, a pessoa reaja, se mova com ela" (PENNA, 1990, p. 22).

O processo de musicalização deve destinar-se a todos, buscando desenvolver esquemas de apreensão da linguagem musical. Durante o processo de aprendizagem, adquire-se uma sensibilidade que é construída num ambiente em que:

[...] as potencialidades de cada indivíduo (sua capacidade de discriminação auditiva, suas emotividades etc.) são trabalhadas e preparadas de modo a compreender e reagir ao estímulo musical (PENNA, 1990, p. 21).

Musicalizar é, ainda:

[...] desenvolver os instrumentos de percepção necessários para que o indivíduo possa ser sensível à música, apreendê-la, recebendo o material sonoro/musical como significativo (PENNA, 1990, p. 22).

Concebemos a musicalização como um "processo educacional orientado que se destina a todos que, na situação escolar, necessitam desenvolver esquemas de apreensão da linguagem musical" (PENNA, 1990, p. 32).

Esse processo ocorre dentro e fora da escola. Por isso, é muito importante levar em consideração as experiências que ocorrem no dia-a0dia nas situações informais em que o ser humano está inserido.

A vivência musical promovida pela musicalização permite à criança o desenvolvimento da capacidade de expressar-se de modo integrado, realizando movimentos corporais enquanto canta ou ouve uma música. O canto é usado como forma de expressão e não mero exercício musical.

O termo "musicalização infantil" adquire então uma conotação específica, caracterizando o processo de educação musical por meio de um conjunto de atividades lúdicas, em que as noções básicas de ritmo, melodia, compasso, métrica, som, tonalidade, leitura e escrita musicais são apresentadas à criança por meio de canções, jogos, pequenas danças, exercícios de movimento, relaxamento e prática de pequenos conjuntos instrumentais (BRITO, 1998 apud JOLY, 2003, p. 116).

De acordo com Feres (1989 apud JOLY, 2003, p. 116):

[...] dizer que uma pessoa é musicalizada significa dizer que ela possui sensibilidade para os fenômenos musicais e sabe expressar-se por meio da música cantando, assobiando ou tocando um instrumento etc.

Assim, não apenas as crianças podem ser musicalizadas, mas todo ser humano de qualquer faixa etária pode passar por esse processo de contato significativo com a música, seja numa banda seja num coral. Alguns projetos sociais, como o projeto "Educação Musical Através do Canto Coral: um canto em cada canto*" realiza o processo de musicalização por

meio do canto coral. As crianças vivenciam e se apropriam da música ludicamente e compreendem por intermédio das atividades propostas conceitos musicais como intensidade, altura, andamento, timbre, entre ouros.

Schaffer apresenta situações sonoras do nosso cotidiano que podem ser levadas para a sala de aula no contexto da musicalização. Em seu livro "O Ouvido Pensante", Schaffer (1991) enumera termos como "paisagem sonora" e evidencia os sons que nos rodeiam e suas características. É como se o ouvido acordasse para aquilo que se ouve, mas não se escuta; ao som que está presente, mas não é notado.

Engana-se aquele professor que acredita que para realizar o trabalho com música na escola necessita executar um instrumento. Claro que o domínio de algum instrumento viabiliza algumas ações e oferece outras opões de trabalho, mas não é extremamente necessário, já que nascemos com um valioso instrumento musical: a voz. A voz bem usada na sala de aula proporciona rica vivência musical e a execução de atividades que não precisam de nenhum outro recurso material.

Deve-se estar atento, no entanto, para o fato de a musicalização ser um processo constituído de elementos especificamente musicais. Um professor que canta com os alunos durante a entrada na sala de aula está oferecendo um tipo de vivencia, mais essa vivencia não pode se limitar apenas a essa atividade. O professor bem fundamentado usa esses momentos de vivencia cotidiana na escola conectados a outros momentos quando a criança tem a oportunidade de criar e/ou compreender conceitos musicais a partir da vivencia

Agora é com vocês! Vocês sabem o que são sons culturais e sons naturais? Então vamos lá: SONS NATURAIS são os sons encontrados na natureza, sem a interferência do homem, por exemplo: trovão, barulho do vento, da chuva e outros; SONS CULTURAIS: são os sons criados pelos homens; como: buzina, sirene, telefone e outros. Bom, agora que vocês já sabem, organizem-se em grupos, registrem os sons culturais de sua infância, isto é, aqueles sons que vocês ouviam em suas infâncias e que hoje não escutam mais, ou quase não se escutam, por exemplo, o som de enceradeira. Faça um desenho ou uma colagem desses elementos, objetos, enfim, dessas coisas, que hoje não escutam mais.

Em seguida, cada grupo apresentará o trabalho aos demais grupos e representará o som que o grupo escolheu e ensaiou para essa apresentação. Em um segundo momento fique alguns minutos, por exemplo, dois minutos em completo silêncio e escutem os sons que vêm de fora. Após ouvirem, façam uma lista dos sons escutados. Separem os sons naturais e os sons culturais. O professor em sala de aula poderá aplicar essa proposta de "escuta ativa" com seus alunos.

(apud MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 179)

A educadora Teca de Alencar (apud MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998, p. 179), ao relatar seu projeto, refere-se a "ouvir a paisagem sonora", tomando de empréstimo o termo do compositor e educador canadense Muray Schafer. Diz a educadora ser essa prática a de tomar

consciência da qualidade do ambiente sonoro que nos cerca.

Segundo a educadora, ouvir a paisagem sonora é também um interessante jogo de "escuta ativa". Para ela, os diferentes sons percebidos podem ser classificados quanto à duração, intensidade e timbre.

Segundo Coll e Teberosky (2000, p. 93):

O conceito de som musical foi se modificando ao longo da história em função dos gostos, dos costumes e do pensamento de cada época e local. No Ocidente, até o final do século XVIII, na música conhecida como erudita, eram utilizados sons produzidos peta voz humana e por instrumentos capazes de tocar notas musicais, como flautas, violinos, cravos, etc. Naquela época, os compositores começaram a introduzir ocasionalmente alguns instrumentos de percussão, mas com um papel secundário.

Mas, no início do século XX, o interesse de compositores em descobrir novos sons fez com que incorporassem esses novos sons, juntamente com instrumentos e objetos sonoros em suas músicas. Foram muitos os compositores que introduziram essa pesquisa de sons e instrumentos em suas músicas. No Brasil, destaca-se o alagoano Hermeto Pascoal, que criou sons produzidos por garrafas, ferramentas, conversas e grunhidos de porcos. Hermeto Pascoal (apud COLL, TEBEROSKY, 2000, p. 94) conta que:

Em 1991, o educador Fuks realizou uma pesquisa com professores e futuros professores que atuariam na área de educação musical. As entrevistas coletadas durante a pesquisa apresentam uma realidade muito presente nas escolas americanas e brasileiras:

Eu usava música como um artifício para acalmar as crianças; quando a música terminava, já estava todo mundo "dominado" [...]. Fica bem mais agradável você dar uma ordem através de uma musiquinha do que dizer: faz isso, faz aquilo [...]. O "gestinho" é para incentivar, porque às vezes tem crianças que não entendem a Letra da "musiquinha". Então é importante aquele "gestinho" (FUKS, 1991 apud HUMMES, 2004, p. 22).

Sabemos que a música tem a capacidade de acalmar, concentrar e disciplinar. Entretanto, temos na musicalizaçção uma riqueza que deve ser explorada em sua totalidade.

Del Ben e Hentschke (2003) também nos trazem informações sobre como a música é vista e utilizada nas escolas. A investigação com três professores de música (especialistas) demonstra a preocupação em inserir efetivamente a música no currículo, ao mesmo tempo que demonstra a valorização desse ensino por motivos que estão fora do contexto musical, isto é, ensina-se a música como um meio (para armazenar a agressividade, oara ajudar na concentração, para disciplinar, acalmar, facilitar disciplinas como Português e Matemática, etc) e não o ensino de música visando o conhecimento musical em si

Encontramos nos depoimentos mais aspectos extramusicais, Ligados às emoções e às questões culturais, do que elementos intrínsecos à música. Talvez essas questões sejam conseqüências da ausência de reflexões mais detalhadas

sobre o ensino de música. Isso pode ser comprovado nos seguintes depoimentos: A música pode contribuir para a formação global do aluno, desenvolvendo a capacidade de se expressar através de uma linguagem não-verbal e os sentimentos e emoções, a sensibilidade, o intelecto, o corpo e a personalidade [...] a música se presta para favorecer uma série de áreas da criança. Essas áreas incluem a "sensibilidade", a "motricidade", o "raciocínio", além da "transmissão e do resgate de uma série de elementos da cultura" (DEL BEN; HETSCHEKE, 2002 apud HUMMES, 2004, p. 22).

Beyer, pesquisadora em educação musical infantil, é enfática se referindo ao ensino de música para crianças. A autora constatou que várias das concepções reveladas em relação à música são voltadas a um pensamento utilitarista:

Música é importante coadjuvante no trabalho psicomotor, inglês, aprendizagem de números, cores etc [...] música vai ajudar a acalmar as crianças [...I música vai organizar as crianças [...] música alegra as crianças [...] música é excelente marketing para a escola. (BEYER, 2001 apud HUMMES, 2004, p. 23).

Precisa-se entender que a educação musical não visa a formação do musico profissional. O objetivo da música, entre outros, e auxiliar "no processo de apropriação, transmissão e criação de práticas músico-culturais como parte da construção de sua cidadania (DEL BEL, HENTSCHKE, 2003, p.181).

O objetivo primeiro da educação musical é facilitar o acesso à multiplicidade de manifestações musicais da nossa cultura, bem como possibilitar a compreensão de manifestações musicais de culturas mais distantes. Além disso, o trabalho com música envolve a construção de identidades culturais Fie nossas crianças, adolescentes e jovens e o desenvolvimento de habilidades interpessoais. Nesse sentido, é importante que a educação musical escolar [...] tenha como propósito expandir o universo musical do aluno, isto é, proporcionar a vivência de manifestações musicais de diversos grupos sociais e culturais e de dife-rentes gêneros musicais dentro da nossa própria cultura (DEL BEL; HENTSCHKE, 2003, p.181).

De acordo com Brito (1998 apud JOLY, 2003, p.116), educadora musical, aprender música significa:

Ampliar a capacidade perceptiva, expressiva e reflexiva com relação ao uso da linguagem musical. É importante que no processo de musicalização a preocupação maior seja com o desenvolvimento geral da criança, assegurado pelas aprendizagens de aptidões complementares àquelas diretamente relacionadas às musicais. É importante também, segundo a autora, que a escolha de cada um dos procedimentos musicais tenha por objetivo promover o desenvolvimento de outras capacidades na criança, além das musicais, tais como: capacidade de integrar-se no grupo, de autoafirmar-se, de cooperar, de respeitar os co-legas e professores, comportar-se de uma forma tolerante (respeitar opiniões e propostas dos que pensam diferente dela), de ser solidário e cooperativo em vez de competitivo, ,de ouvir com atenção, de interpretar e de fundamentar propostas pessoais, de

comportar-se comunicativamente no grupo, de expressar-se por meio do próprio corpo, de trans-formar e descobrir formas próprias de expressão, de produzir idéias e ações próprias.

Hentschke (1995 apud JOLY, 2003, p.117), pesquisadora e educadora em música, enumera algumas razões importantes para justificar a inserção da música na escola:

O desenvolvimento das suas sensibilidades estéticas e artísticas, o desenvolvimento da imaginação e do potencial criativo, um sentido histórico da nossa herança cultural, meios de transcender o universo musical de seu meio social e cultural, o desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor, o desenvolvimento da comunicação não-verbal.

É importante destacar que a música deve estar presente na escola como um dos elementos formadores do indivíduo. Para que isso aconteça, , é imprescindível que o professor:

[...] seja capaz de observar as necessidades de_ seus alunos e identificar, dentro de, uma programação de atividades musicais, aquelas que realmente poderão suprir as necessidades de formação desses alunos (JOLY, 2003, p.118)

De acordo com os BNCC (2018), o trabalho com música deve organizar-se de forma que, as crianças desenvolvam as seguintes capacidades:

- Ouvir, perceber e discriminar eventos sonoros diversos, fontes sonoras e produções musicais;
- Brincar com a música, imitar, inventar e reproduzir criações musicais;
- Explorar e identificar elementos da música para se expressar, interagir com os outros e ampliar seu conhecimento do mundo;
- Perceber e expressar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio de improvisações, composições e interpretações musicais. Na Educação Infantil, as crianças começam a vivenciar ritmos, gestos, jogos motrizes por meio de canções e danças. Os conteúdos são organizados em dois blocos, o fazer musical e a apreciação musical que abarcarão, também, questões referentes à reflexão:

A) O FAZER MUSICAL DE CRIANÇAS DE ZERO A TRÊS ANOS

- Exploração e produção do silêncio e de sons com a voz, o corpo, o entorno e materiais sonoros diversos;
- Interpretação de músicas e canções diversas;
- Participação em brincadeiras e jogos cantados e rítmicos. O Fazer musical de crianças de quatro a seis anos
- Reconhecimento e utilização expressiva, em contextos musicais das diferentes características geradas pelo silêncio e pelos sons: altura (graves ou agudos), duração (curtos ou longos), intensidade (fracos ou fortes) e timbre (característica que distingue e "personaliza" cada som).
- Reconhecimento e utilização das variações de velocidade e densidade na organização e realização de algumas produções musicais.
- Participação em jogos e brincadeiras que envolvam a dança e/ou a improvisação musical;

- Repertório de canções para desenvolver a memória musical.

B) APRECIAÇÃO MUSICAL DE CRIANÇAS DE ZERO A TRÊS ANOS A apreciação musical refere-se à audição e à interação com músicas diversas:

- Escuta de obras musicais variadas;

- Participação em situações que integrem músicas, canções e movimentos corporais; Apreciação musical de crianças de quatro a seis anos

- Escuta de obras musicais de diversos gêneros, estilos, épocas e culturas, da produção musical brasileira e de outros povos e países.

- Reconhecimento de elementos musicais básicos: frases, partes, elementos que se repetem etc. (a forma);

- Informações sobre as obras ouvidas e seus compositores, para iniciar seus conhecimentos sobre a produção musical.

Segundo Coll e Teberosky (2000, p.127): Um instrumento musical é um objeto, natural ou construído pelo homem, capaz de produzir sons que se utilizam com um fim musical. Há instrumentos que foram construídos especialmente para fazer música, como as flautas, os violões ou o piano, que costumam receber o nome de instrumentos musicais convencionais. Um espiral de um caderno ou uma garrafa com relevos gravados podem se converter em um instrumento musical não-convencional, quando, por exemplo, raspamos com um pedaço de madeira nas suas ondulações para assim tocar um ritmo.

Veja os componentes do grupo Uakti, que utiliza instrumentos de fabricação própria. Consta nos RCNEls (BRASIL, 1998) que a atividade de construção de instrumentos é de grande importância, por esse motivo justifica-se uma proposta e/ou oficina de construção de instrumentos na educação infantil. O material a ser utilizado em uma oficina de criação de instrumentos pode ser organizado de forma a facilitar uma produção criativa e interessante.

Sendo assim, é preciso selecionar e colocar à disposição das crianças materiais alternativos como sucatas, as quais devem estar bem cuidadas, limpas e guardadas de modo prático e funcional, isto é, ao alcance das crianças.

A experiência de construir materiais sonoros é muito rica Tão importante quanto confeccionar os próprios instrumentos e objetos sonoros é poder fazer "música com eles, postura essencial a ,ser adotada,nesse,processo. Em geral as atividades de música necessitam de um espaço ampla, pois estão intrinsecamente ligadas ao movimento. Para a atividade de construção de instrumentos, será interessante contar com um espaço com mesas e cadeiras em que as crianças possam sentar-se e trabalhar com calma.

O professor deve estar atento à faixa etária de seus alunos quando propuser uma atividade. O trabalho musical a ser desenvolvido nas instituições de educação infantil deve incluir materiais simples do dia-a-dia ou presentes na cultura infantil. Os brinquedos sonoros e os instrumentos de efeito sonoro são materiais bastante adequados ao trabalho com bebês e crianças pequenas. Com relação aos brinquedos, devem-se valorizar os populares re-

lativos às regiões onde vivem e, também, explorar timbres variados como: sons de pássaros, sinos, brinquedos que imitam sons de animais, dentre outros.

É aconselhável que se possa levar para a sala de aula um aparelho de som para as crianças ouvirem música e para o professor gravar e reproduzir a produção musical das crianças. O registro musical pode começar a ser trabalhado utilizando-se de outras formas de notação que não seja a escrita musical convencional. Quando a criança ouve um impulso sonoro curto e ela realiza um movimento corporal, está transpondo o som percebido para outra linguagem. Diferentes tipos de sons podem ser traduzidos corporalmente.

Não é aconselhável que a criança de educação infantil seja treinada para a leitura e escrita musical, o mais importante é que ela possa ouvir, cantar e tocar muito, criando formas de notação musical com a orientação dos professores.

Se o professor deseja realizar atividades de musicalização, precisa ter o conhecimento do público-alvo, aqui no caso, crianças da faixa etária da educação infantil. Conhecer o desenvolvimento cognitivo de cada idade e as potencialidades proporciona uma direção, para que educador escolha determinada atividade que venha ao encontro dos seus objetivos

Segundo Bréscia (2003) ao se envolverem com a música as crianças melhoram sua audição, interpretação e suas capacidades de compreensão, também ajuda na linguagem oral e sua coordenação motora.

[...] A música é uma das mais antigas e valiosas formas de expressão da humanidade e está sempre presente na vida das pessoas. Antes de Cristo, na Índia, China, Egito e Grécia já existia uma rica tradição musical. Na Antiguidade, filósofos gregos consideravam a música como uma dádiva divina para o homem [. .] (FERNANDES, 2009, s.n.)

Oportunizar à criança de conhecer os vários ritmos e gêneros musicais trará a esta criança a possibilidade de tornar-se um ser critico capaz de comunicar-se por meio da diversidade musical.

A música também pode ser usada na Educação Infantil com crianças de 5 a 6 anos em contribuição para o processo ensino-aprendizagem. Utilizando seus vários níveis de alcance desde a socialização até o gosto musical da criança.

A musicalização se constitui uma forma abrangente de educação, através de um processo pedagógico participativo que procura uma motivação diferente do ensinar, em que é possível favorecer a auto-estima, a socialização e o desenvolvimento do gosto e do senso musical das crianças dessa fase.

Segundo citação de Maffioletti (CRAIDY; KAERCHER 2001, p.130) nos afirmam que:

Quando a criança começa a freqüentar a escola, o novo ambiente

precisa tornar-se, o mais breve possível, familiar e aconchegante. Além das novidades do ambiente físico, o mundo sonoro é completamente desconhecido. A música pode se tornar um espaço a partir do qual os primeiros vínculos são criados a mantidos. Além disso, as aprendizagens de formas de expressão que comunicam

estados de ânimo são imediatamente empregadas para expressar alegria e satisfação. As professoras do berçário ficam muito admiradas quando observam que os bebês aprendem e reconhecem com extrema facilidade aquelas músicas que lhes proporcionam momentos de descontração e alegria. O canto é uma atividade eminentemente social, é uma abertura para o outro e um enorme enriquecimento pessoal.

A musicalização é um processo de construção do conhecimento, favorecendo o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, senso rítmico, do prazer de ouvir música, da imaginação, memória, concentração, atenção, do respeito ao próximo, da socialização e afetividade, também contribuindo para uma efetiva consciência corporal e de movimentação. A música possui um papel importante na educação das crianças.

A música proporciona na Educação a motivação no ensino, favorecendo autoestima, a socialização e o desenvolvimento do gosto e do senso musical das crianças dessa fase, proporcionando ainda, diversos benefícios para o desenvolvimento infantil.

"Pontuar música na educação é defender a necessidade de sua prática em nossas escolas, é auxiliar o educando a concretizar sentimentos em formas expressivas; é auxiliá-lo a interpretar sua posição no mundo; é possibilitar-lhe a compreensão de suas vivências, é conferir sentido e significado à sua nova condição de indivíduo e cidadão." (ZAMPRONHA,2002, pg.120)

No Brasil as primeiras manifestações musicais foram trazidas pelos Jesuítas, que a principio não focavam a educação do povo, porém, utilizavam-se da arte para trazer mais servos para Deus.

Entre aos recursos utilizados destaca-se a música, em virtude da forte ligação dos indígenas com essa manifestação artística eram eles músicos natos que, em harmonia com a natureza cantavam e dançavam em louvor aos deuses, durante a caça e pesca, em comemoração nascimento,casamento,morte, ou festejando vitórias alcançadas (LOUREIRO, 2003, p. 43).

No período escolar há oportunidades de trabalhar com várias atividades lúdicas com a música. É na Educação Infantil que a música deve ser bem trabalhada, despertando habilidades, pois o cérebro está no seu período de aceleração ativa, facilitando todos os conhecimentos, e estimulando todas as áreas cerebrais. Assim, ressalta-se a importância da música junto aos estudos científicos que buscam continuamente a melhoria da educação.

Nota-se que sobre o ensino obrigatório da música, afirma-se que não existe forma única para educação, e a escola não é o único lugar para que a mesma aconteça. Os saberes e os conhecimentos variam de acordo com os indivíduos e suas culturas. As metodogolias em e práticas educativas, hoje em dia, se estendem às salas de aula, aos meios de comunicação, aos movimentos sociais, ao lar. É necessário a transmitissão dos saberes na esfera educativa de forma mais adequada possível.

Segundo Brandão (1981, p. 7) o mesmo menciona que "ninguém escapa

da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de um modo ou de muitos, todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-eensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com educação.

Ao longo da história, a música vem desempenhando um importante papel no desenvolvimento do ser humano, nos aspectos religiosos, moral e social, contribuindo assim para a criação de hábitos e valores indispensáveis à cidadania. Sempre esteve ligada às tradições e à cultura de cada época.

Nos povos antigos a música fazia parte do currículo escolar. Portanto, o estudo musical é desde os tempos mais remotos uma matéria fortemente significante na vida do ser humano e nas relações entre esses.

Encontra-se a música presente em todos os cantos e se faz permanente na vida das pessoas a todo o momento, seja em casa, nas ruas, nas praças, nas grandes orquestras, nos teatros e hoje mais do que nunca nas instituições de ensino. Unificar música e educação dentro do ambiente escolar pode gerar resultados gratificantes, fazendo da difícil tarefa do ensino, algo prazeroso e divertido, por conta da significativa ajuda da área musical no desenvolvimento do ser humano.

Na música, o repertório musical e a simplicidade do seu fazer transmitem às crianças idéias de valores, comportamentos e caráter. E a educação utiliza-se da musicalidade para definição, integração, controle, organização escolar, entre outros, tendo nela um componente importante da cultura.

O som faz parte do cotidiano humano desde os tempos mais remotos. Nossa vida é rodeada de sons diversos. Os grunhidos na Pré-história eram uma das formas de comunicação, onde o som, a tonalidade e intensidade, representavam ações e reações diversas. O som, através da musicalidade, também faz parte de nosso cotidiano, onde os sons da natureza misturam-se com os sons da modernidade. A música é um grande reflexo da propagação dos sons.

Na Antiguidade pouco se tem informações sobre a música. Sabe-se que os instrumentos musicais faziam parte das ações cotidianas em determinadas camadas sociais, porém não se têm definido as interpretações das composições.

No Medievo os cantos faziam parte do culto cristão desde o início do Cristianismo. Com o passar dos tempos desenvolveram uma melodia intitulada de cantochão. Um personagem que ajudou a elaborar uma série de regras para manter um estilo adequado ao canto de hinos sacros foi Santo Ambrósio, portando se dá o nome de canto ambrosiano, às músicas que obedecem a essas regras. Com a presença do Papa Gregório, o Grande, criou-se o canto gregoriano através dos eclesiásticos, sendo esse mais conhecido na atualidade.

Com o passar dos tempos, muitos gêneros musicais foram surgindo, um deles foi a Clássico. Acreditava-se que a música deveria ter certo “requinte”, capaz de fazer com que as pessoas sentissem emoções de uma forma “refinada”, também considerada, “educada”, assim, clássica.

Em sua maioria, eram as classes mais abastadas que usufruíam desse estilo musical, pois eram considerados cultos o suficiente para entendê-las. Já no estilo do Romantismo, acreditava-se que a música poderia ser acobertada de fantasias, capaz de refletir o emocional e expressar os sentimentos mais intensos. Vale ressaltar nesta época Beethoven, sendo fundamentalmente um classicista, mas compôs obras de estilo romântico.

A música Contemporânea classifica-se como tal, após os movimentos impressionistas e regionalistas, não trazendo consigo uma uniformidade.

Alguns autores classificam duas escolas como sendo primordiais para o entendimento deste gênero musical, sendo: Música de Vanguarda e as tendências neoclássicas e neo-românticas. Para a música contemporânea destacam-se também as músicas eletrônicas, e as aleatórias, sendo esses muitos apresentados entre a maioria das classes sociais.

Atualmente no Brasil, estamos convivendo com um "amaranhado" de estilos e gêneros musicais, onde as músicas populares têm, cada vez mais, conquistadas o público em geral. Porém, vale ressaltar, que um grande número de pessoas fazem parte de estilos advindos de outros países, permanecendo inerentes aos mesmos. Conforme Pontes (2008) afirma, o cantar é brincar com os sons, ritmos, sensações e sentimentos, é uma forma específica de compreender e interagir com a realidade. A música nja educação é (ou deveria ser) vista como um processo global, progressivo e permanente e suas formas de aperfeiçoamento deveriam ser constantes, pois independente do meio, sempre haverá diferenças individuais e ambientais e que, consequentemente, necessitam de um tratamento diferenciado. Conforme o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, educar significa propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal. Nesse processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais e éticas. (BRASIL, 1998).

O ambiente da educação infantil é repleto de repertórios musicais. Muitos professores utilizam a música de maneira errada, quando não dominam esse assunto.

Rosa (1990, p.19) identifica a música como "uma linguagem expressiva e as canções são veículos de emoções e sentimentos, e podem fazer com que a criança reconheça nelas seu próprio sentir"

Seguindo Romanelli (2009), a música é denominada como [...] "é uma linguagem comum a todos os seres humanos e assume diversos papéis na sociedade, como função de prazer estético, expressão musical, diversão, socialização e comunicação". Na escola, [...] "a música é linguagem da arte, [...] é uma possibilidade de estratégia de ensino, ou seja, uma ferramenta para auxiliar a aprendizagem de outras disciplinas".

A música também auxilia na fase de adaptação à escola, ou mesmo na comunicação não verbal. Crianças de educação infantil, muito pequenas, tendem a retrair-se e não ter contato com ninguém.

Não falam, não murmuram, no máximo emitem sons com um determinado ritmo. Muitas vezes o educador conversa com essa criança, por meio de uma comunicação não verbal, ele tenta murmurar como a criança e vai conseguindo promover uma adaptação desta criança.

Manusear os instrumentos, assim como criá-los, criar coreografias também é trabalhar com música.

Muitos pensam que música é só cantar! Mas ela vai além, pois permite experiências concretas, desde experimentar o instrumento, assim como criálo,separar os instrumentos por sons, seriá-los.

"A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: festas e comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas, políticas etc. Faz parte da educação desde há muito tempo, sendo que, já na Grécia antiga era considerada como fundamental para a formação dos futuros cidadãos ao lado da matemática e da filosofia." (RCNEI, 1998, p. 45)

Dentro da música de cultura infantil podemos encontrar além do acalanto, as parlendas e os brincos, conforme nos diz Brito (2003). Há também os brinquedos de roda, que comportam poesia, música e dança. Várias são as culturas envolvidas neste aspecto, como a lusitana, espanhola, africana, ameríndia e francesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte está em nosso dia-a-dia. Ela aparece nas apresentações artísticas, nas apresentações circenses, no design dos diversos objetos, nos bordados, nos entalhes, na arquitetura, na interferência urbana registrada em muros como a dos grafiteiros, em praças, paredes, em igrejas, nas revistas, jornais, televisão, cinema e tantos outros. Constantemente fazemos múltiplas leituras, não só de mundo como também de textos, de sons, de imagens e outras.

Planejar mais atividades do que se imagina necessário pode permitir que o professor seja flexível e que atenda melhor às necessidades e preferências dos alunos.

A dança, o canto e o instrumento são elementos que deveriam estar sempre presentes no planejamento do professor.

O professor precisa buscar constantemente uma renovação no que diz respeito ao seu repertório, aos métodos e materiais didáticos que tem disponíveis. É importante que a alegria do contato com a música seja sempre renovada por meio de um ensino criativo, dinâmico e atual.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. O direito de sonhar. São Paulo: Difel, 1986.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos (Org.). Arte-educação: leitura de subsolo. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

BENJAMIM, W. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOSI, Alfredo. Reflexões sobre a arte. 7. ed. São Paulo: Ática, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria e Ensino Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: artes. Brasília: MEC, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para educação infantil. Brasília: MEC, 1998. v.1.

BUORO, Anamélia Bueno. O olhar em construção: uma experiência de ensino aprendizagem da arte na escola. São Paulo: Cortez, 1998.

CAVA, Laura Célia S. Cabral. Curso de capacitação de educadores infantis. Londrina, 2004. Curso ministrado na FUNTEL - Fundação do Ensino Técnico de Londrina, no período de 27/09 a 05/10/04.

COLL, César. Aprendendo arte: conteúdos fundamentais para o ensino fundamental. São Paulo: Ática, 2000.

DERDYK, Edith. Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo: Scipione, 1994.

DONDIS, A. Sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

DUARTE, João Francisco Júnior. Fundamentos estéticos da educação. Campinas: Papirus, 1988.

FELIPE, Carlos; VARGAS, Giselle. Alegria, alegria: as mais belas canções de nossa infância. Belo Horizonte: Leitura, 2001. Disponível em: <http:// www.geocities.com/carrossel_de_poesias2/ torceretorce.htm >. Acesso em: 10 de janeiro de 2021.

FERRAZ, Maria Heloíza; FUSARI, Maria E Metodologia do ensino de arte. São Paulo: Cortez, 1999.

LABAN, Rudolf. O domínio do movimento. São Paulo: Summus, 1987.

LOUREIRO, A. M. A. O ensino da música na escola fundamental. São Paulo: Papirus,2003.

MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, M. Terezinha Telles. Didática do ensino de arte: a língua mundo: poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

PIAGET, Jean. A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PILLAR, Analice Dutra. A educação do olhar no ensino das artes. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

REVERBEL, Olga. Jogos teatrais na escola: atividades globais de expressão. São Paulo: Scipione, 1989.

REZENDE, Lucinea Aparecida de. Leitura e visão de mundo: peças de um quebra cabeça. Londrina: Atrito Art Editorial, 2005.

ROSA, N. S. S. Educação musical para a pré-escola. São Paulo: Ática, 1990.

ROMANELLI, G.Como a música conversa com as outras áreas do conhecimento. Revista Aprendizagem, Pinhais, n.14, p.24-25, 2009.

ZAMPRONHA, Maria de Lourdes Sekeff. Da música, seus usos e recursos. São Paulo:UNESP, 2002